

JORGE CALDEIRA

A Estatística Aplicada e o Desenvolvimento do Brasil

O objetivo deste artigo é apresentar a temática discutida pelo palestrante Jorge Caldeira no “UniBrasil Futuro”, que abordou o tema “História Econômica do Brasil – Os novos conhecimentos trazidos pela Econometria”. Na apresentação foi relatado que o Brasil já viveu épocas de expressivo desenvolvimento econômico e que a aplicação de técnicas estatísticas trouxe algumas informações sobre o quadro da história econômica do Brasil, de forma a se fazer uma interpretação mais clara dos fatos históricos.



Em 11 de setembro de 2017, o escritor Jorge Caldeira esteve presente no “UniBrasil Futuro”, apresentando o tema “História Econômica do Brasil – Os novos conhecimentos trazidos pela Econometria”.

O pesquisador e escritor Jorge Caldeira tem os títulos de Doutor em Ciência Política e Mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), foi editor da “Ilustrada” e da “Revista da Folha”, editor de Economia da Revista IstoÉ e editor exclusivo da revista Exame. Escreveu vários livros dentre os quais se destacam: “Mauá: empresário do Império”, “O Banqueiro do Sertão” e “Júlio Mesquita e Seu Tempo”, que relatam a história de empreendedores brasileiros.

O palestrante abriu sua fala abordando as mudanças na História do Brasil ocorridas a partir da aplicação de técnicas estatísticas, que vão ao encontro das afirmações básicas sobre o comportamento da economia brasileira desde o descobrimento até 1930: que a pobreza do Brasil é consequência dos tempos coloniais, que o desenvolvimento econômico brasileiro se iniciou a partir do Império, que na República Velha a economia brasileira era dominada pelas atividades agrárias e de pouco progresso. Para Caldeira, tais afirmações “foram inteiramente demolidas quando se começou a usar estatística para fazer História Econômica”.

AUTORES:

Anselmo Chaves Neto - professor do Programa de Pós-Graduação em Métodos Numéricos Aplicados à Engenharia da Universidade Federal do Paraná (UFPR); mestre e doutor em Engenharia.

Rogério Jesus Hultmann - estatístico na Pró-Reitoria de Orçamento, Planejamento e Finanças (PROPLAN) da Universidade Federal do Paraná (UFPR); mestre em Métodos Numéricos Aplicados à Engenharia.



Jorge Caldeira, pesquisador e escritor.

Segundo o historiador, o uso de estatística aplicada à história econômica é uma técnica que se iniciou a partir da década de 70, pelo economista americano Robert Fogel, e deriva da possibilidade de usar bancos de dados e computadores pelos historiadores em suas análises. No caso da economia brasileira, o primeiro a aplicar a metodologia foi o historiador francês Frédéric Mauro sobre o relacionamento das economias brasileira e portuguesa na virada do século XVIII para IX. A partir do estudo desse historiador se obteve o conhecimento de que a economia brasileira, à época, estava se desenvolvendo - mesmo com o final do período de exploração do ouro - e que crescia enquanto a economia portuguesa diminuía, revelando a independência entre elas.

Estudos feitos sobre balança comercial entre Brasil e Portugal, pelo professor Robson Arruda (USP), apontaram que a economia colonial brasileira era de tamanho comparável à dos Estados Unidos. Os historiadores econômicos

João Fragoso e Manolo Tolentino, em um estudo sobre o mercado do Rio de Janeiro no período colonial, descobriram que o mercado interno brasileiro era maior que as exportações, revelando que a economia colonial não era o que se pensava tradicionalmente. A mesma metodologia, aplicada a dados da economia referentes ao Império, revelou que o crescimento da economia per capita durante todo o período foi nulo. Além disso, o tamanho da economia brasileira que era comparável à dos Estados Unidos em 1800 resultou reduzida a 1/15 da economia americana ao fim do Império, em 1889. A causa dessa redução foi a Guerra do Paraguai, que durou cinco anos e provocou o deslocamento de escravos e outros trabalhadores dos cafezais e canaviais para a frente de batalha e, evidentemente, o morticínio que não ocorreu só do lado paraguaio, mas também do brasileiro, que teve milhares de mortos, aleijados e doentes.

Caldeira relatou que a República iniciou o rompimento deste atraso econômico. Em

menos de 15 anos a economia brasileira era a que mais crescia no mundo. O autor mencionou trabalhos através dos quais apurou um crescimento médio na indústria, de 8,5% ao ano, durante os 40 anos seguintes à Proclamação da República. No mesmo período, os bancos tiveram crescimento médio anual de 8%, as ferrovias cresceram 7% ao ano e a cultura do café teve crescimento anual de 2%. Para o palestrante, o retrato estatístico da Primeira República mostra o desenvolvimento acelerado da indústria, do transporte e dos serviços enquanto a agricultura cresce pouco, bem ao contrário do conhecimento histórico sobre o período.

Para Jorge Caldeira, a estratégia brasileira de isolamento da economia mundial, após a crise de 1929, contribuiu para que a economia do Brasil fosse a de maior crescimento no mundo, colocando o país entre as 10 maiores economias mundiais, situação que se verificou até meados dos anos 70. A partir de então, a economia brasileira passou a se retrair, primeiramente parando de crescer e na sequência passando a crescer em taxas inferiores às demais economias do mundo.

O uso dos métodos estatísticos na verificação de hipóteses sobre algumas das características do desenvolvimento brasileiro nas décadas anteriores a 1950 é ainda incipiente, e isso ocorre em razão da documentação se encontrar

em arquivos de difícil acesso aos pesquisadores. Há dados econômicos registrados em jornais, revistas e bancos, tais como o Banco do Brasil, que embora arquivados guardam uma certa organização que facilita a pesquisa. Esse problema poderia ser resolvido se toda essa documentação estivesse digitalizada. Hoje em dia, isto é feito com a maior facilidade e muitas empresas prestam esse tipo de serviço a terceiros, que ainda podem armazenar o material original na prestadora do serviço. Os bons cartórios, faculdades e colégios já têm toda sua documentação atual e antiga digitalizada, o que facilita em muito o trabalho de busca e o ganho de tempo é considerável.

Internet veio facilitar ainda mais essas buscas por informações e, muitas vezes, o pesquisador não precisa deslocar-se de seu local de residência para fazer o seu trabalho. Um bom exemplo disso é a evolução dos preços do petróleo através do tempo. Acessando o buscador Google, ele direciona ao endereço: <https://jccavalcanti.wordpress.com/2008/04/23/serie-historica-do-preco-do-barril-de-petroleo/>, que contém a série histórica do preço do petróleo (o gráfico da série é mostrado adiante). E, com uma análise rápida, se conclui que no início da descoberta da primeira fonte de petróleo o preço por barril era muito alto, chegando a US\$ 120,00 em valores atuais, uma vez que os derivados do petróleo eram muito utilizados na iluminação doméstica (querosene e gás).



Gráfico: Série histórica do preço do petróleo

Mas, o barateamento dessa commodity veio com a descoberta de muitos poços de petróleo. A primeira grande crise surgida no setor petrolífero ocorreu em 1973, com a Guerra do Yom Kipur entre Israel e Nações Árabes. No que diz respeito ao Brasil, pode-se afirmar que este fato veio começar o travamento no desenvolvimento econômico brasileiro que vinha de um crescimento de 3,4% em 1964, após sair de 0,6% em 1963, seguindo até o crescimento de 14,0% em 1973.



Gráfico: Série histórica do preço do petróleo

A série histórica da variação percentual do PIB brasileiro pode ser encontrada no site: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000028970103132017010007987277.xls>. Os números da série seguem de forma moderada até 1986, com crescimento de 7,5%, sendo que em 1981 houve uma recessão com PIB em -4,3%, e em 1982 um crescimento ínfimo de 0,8%. Esses valores foram provocados por outra crise do petróleo, essa em 1979, quando os produtores árabes e a Venezuela se reuniram na Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e elevaram os preços para US\$ 101,43. Isso é mostrado claramente no gráfico da figura 1, que mostra a evolução do preço do petróleo desde 1861.

O Brasil, que descobria poços de petróleo até 1973 e os lucrava (é o que dizia a crença popular da época) devido ao baixo preço do barril (US\$ 13,81 em 1972), partiu para a exploração da Bacia de Campos em 1974. Evidentemente, a Petrobrás tinha conhecimento deste mar de petróleo na Plataforma Submarina, mas não o

explorava pelo fato já citado. Uma evidência desse conhecimento é a nacionalização da Plataforma Submarina em 1972, incorporando-a ao mar territorial, que veio resguardar para o país as riquezas dessa região numa distância de 200 milhas (370,4 km). Na época ocorreram muitos protestos das nações estrangeiras e muitos mapas coloridos criticando as 200 milhas e exigindo o retorno da soberania do Brasil a apenas 12 milhas (tiro de canhão do século XVI) foram apresentados ao governo brasileiro.

Os números referentes ao PIB brasileiro, já referidos, fornecem a série histórica do PIB brasileiro desde 1947, quando os métodos da Macroeconomia, de John Maynard Keynes, passaram a ser aplicados no controle econômico brasileiro. A figura 2 mostra a evolução dessa série. Os dados e a sua transformação em informação com a confecção dos gráficos mostraram claramente problemas econômicos brasileiros e as suas causas. Outros problemas e causas podem ser observados. Isso mostra que a aplicação de técnicas estatísticas, até as mais simples como os gráficos, contribuem de forma decisiva para o entendimento de situações-problemas. ■



Ao lado: Jorge Caldeira na Palestra História Econômica do Brasil – Os novos conhecimentos trazidos pela Econometria. »

